

OS SAMBAQUIS E O IMPÉRIO: ESCAVAÇÕES, TEORIAS E POLÊMICAS, 1840-1889*

Johnni Langer**

LANGER, J. Os sambaquis e o Império: escavações, teorias e polêmicas, 1840-1889.
Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia, São Paulo, 11: 35-53, 2001.

RESUMO: O artigo analisa as primeiras investigações sobre sítios litorâneos, ocorridas durante o reinado de D. Pedro II.

UNITERMOS: Sambaquis – Mito e Arqueologia – Barbárie e civilização.

De todos esses monumentos sepulcrais não há mais vestígio. Mas, sem dúvida alguma, poderíamos reencontrá-los através de escavações. Heinrich Schliemann, *Ítaca, o Peloponeso e Tróia*, 1869.

Um dos aspectos mais pitorescos da Arqueologia é sua característica de estudar, muitas vezes, o entulho de uma cultura. No Brasil, esse papel também não seria diferente. Nosso imenso litoral brasileiro foi habitado por diversas populações indígenas em seu passado pré-cabralino. No período de colonização portuguesa, essas mesmas regiões foram alvo de interesses econômicos, como a exploração da cal de *sambaquis*.¹ Interessantes sítios

arqueológicos, que receberam seu primeiro debate ainda no Setecentos, prosseguindo suas discussões por todo o século seguinte. A principal polêmica levantada inicialmente a respeito dos sambaquis foi se tinham sido construídos pelo homem ou acidentalmente pela natureza.

O frei Gaspar de Madre de Deus, em seu livro *Memórias para a história da capitania de São Vicente* (1797), descreveu o processo

Tupi-guarani: *Tambá*, conchas e *Qui*, monte. Testemunha de bandos recoletores e pescadores do litoral. Apresenta-se como uma pequena colina arredondada, constituída quase que exclusivamente por carapaças de moluscos. Os sambaquis podem chegar a 30m de altura e provavelmente filiam-se a várias fases, ainda que indubitavelmente constituam uma única tradição. Sinônimos: Sernambi, casqueiro, concheiro, ostreiro (Souza 1997: 115). Os sambaquis são incomuns, se comparados a outros sítios indígenas, por três motivos principais: primeiro, porque possuem muitos vestígios de alimentação; em segundo, porque existia uma convivência entre vivos e mortos muito grande – os mortos eram sepultados no mesmo espaço cotidiano do sítio; e terceiro, porque “foram o grupo que deixou a maior quantidade e diversidade de testemunhos de sua permanência no território brasileiro.” (Gaspar 1999: 160).

(*) Este artigo é a modificação do capítulo “O lixo de nossos antepassados”, de nossa tese de doutorado em História: *Mito e ruína, a arqueologia no Brasil império*. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, novembro de 2000.

(**) Universidade Federal do Paraná. Pós-Graduação em História, Doutorado.

(1) *Sambaqui* – Acumulação artificial de conchas de moluscos, tradicionalmente considerados vestígios da alimentação de grupos humanos (Prous 1992, p. 204), mas que atualmente são considerados edificações intencionais. Sítio arqueológico cuja composição seja predominante de conchas. A origem da palavra é

de formação dos sambaquis ou ostreiras: seriam resultado da acumulação de mariscos coletados pelos indígenas, servindo para cemitérios e nos quais “acham-se machados, pedaços de panelas quebrados e ossos de defuntos.” (1953: 46). A maioria dos escritores desta época acreditava, erroneamente, que esses montes conchíferos teriam sido formados naturalmente, sendo a opinião de frei Gaspar uma exceção significativa.

Até a metade do Oitocentos, o assunto não despertou maiores atenções dos intelectuais brasileiros. Algumas rápidas referências ao assunto foram feitas por Varnhagen, em três momentos diferentes. No primeiro, o historiador encontrava-se vasculhando os arquivos paulistas em 1840, seguindo o levantamento documental proposto pelo Instituto nesta época. Visitando um sambaqui em Cubatão, encontrou crânios e ossos humanos, mas questionou a origem artificial proposta por Madre de Deus (Varnhagen 1840: 525). Nove anos depois, suas concepções começaram a mudar. Agora as ostreiras foram apontadas como possíveis resquícios de antigas civilizações, restos de monumentos de outras gerações (1849: 372). Ao final dos anos 40, outros estudiosos lançaram esforços para o estudo desses restos, como Carlos Rath e Freire Alemão, este último autor de um estudo chamado *Memória sobre a Pirâmide do Campo Ourique do Maranhão*. Varnhagen voltaria ao assunto em sua *História do Brasil* (1854), desta vez comparando nossos sítios com outras regiões do mundo, como vestígios da Dinamarca, norte da Europa, ilhas do Egeu e Antilhas. Na realidade, o intelectual estava bem atualizado durante os anos 50, conhecendo as pesquisas desenvolvidas principalmente nos países nórdicos.

A Dinamarca foi uma das pioneiras nos estudos pré-históricos, recebendo um grande impulso após a obra sistematizadora de Thomsen. Desde 1827, um zoólogo chamado Japetus Steenstrup investigava os sambaquis da região escandinava, denominados *kökkenmøddingers*, considerando os mesmos como formados naturalmente. Durante os anos 40, o arqueólogo Jens Worsaae defendia uma posição contrária, estabelecendo que estes montes seriam obra de antigas populações

litorâneas. A polêmica estava estabelecida. Um comitê, que ficou conhecido por Lejre Commission, foi criado em 1847 para tentar chegar a uma conclusão sobre o dilema. Além desses dois especialistas citados, participaram os geólogos J. Forchhammer e H. Orsted. Neste mesmo ano, Steenstrup iniciou uma troca de correspondência com Peter Lund, em Minas Gerais, que durou até 1852.² Para Lund era evidente que as acumulações de conchas existentes no litoral brasileiro eram similares às da Dinamarca, e que foram produzidas pela presença humana. Com isso, os pesquisadores nórdicos se viram obrigados a mudar de opinião, um fato consolidado em 1851, quando Worsaae escavou um sambaqui na Jutlândia, descobrindo diversos indícios que apontavam para a artificialidade do sítio (Bahn 1996: 90). Curiosamente, em nosso país essa correspondência de Lund foi praticamente desconhecida. Todos os debates realizados posteriormente no Brasil sobre o assunto fundamentavam-se no reconhecimento científico dinamarquês a respeito da artificialidade dos vestígios conchíferos, desconhecendo esse intercâmbio.

Após Varnhagen, o Instituto seria agraciado com uma série de estudos arqueológicos, a partir de 1864, tratando dos vestígios arcaicos do litoral. A origem deste material não viria de seus sócios ou membros, e sim de uma figura totalmente externa à elite carioca. Um misterioso conde, de origem francesa, deixaria seu nome marcado nos anais da instituição por sua ousadia e determinação.

As aventuras de um conde arqueólogo

Em mais uma sessão promovida pelo Instituto, em novembro de 1864, o futuro marquês de Sapucaí promoveu a leitura de uma carta enviada para a secretaria de estado do Império. Poderia ser mais uma correspondência

(2) A Biblioteca Real da Dinamarca possui duas cartas do intercâmbio entre Lund e Steenstrup, escritas em dinamarquês, datadas de 28/3/1847 e 11/3/1852, com as referências: NKS 3460, 4 e NKS 2677, 2 IV (conforme bibliografia enviada pela arquivista Palle Ringsted, Manuscript Department).

sem maiores alardes ou compromettimentos. Porém, a mesma consistia em um relatório da descoberta, em Santa Catarina, de ossos e outros vestígios instigantes. Seu autor, o conde de La Hure,³ solicitava ao IHGB o seu parecer sobre esse encontro.

Este pesquisador francês residiu no Brasil, tratando de assuntos relacionados com agricultura, plantação de algodão, criação do bicho-da-seda e colonização. No começo dos anos 60, realizou expedições corográficas pelo interior paulista. Seus primeiros livros publicados, *L'Empire du Brésil* (Paris) e *Le Mexique* (Douai, ambos de 1862), forneciam dados abrangentes destes dois países: geografia, estatística, indústrias, história e sociedade. Nesta época também publicou, em Douai (França), um opúsculo de quatorze páginas, denominado *Les peuples du Brésil avant la découverte de l'Amérique* (1861), iniciando seu interesse pela pré-história brasileira.

A carta-relatório de Hure, datada de 16/08/1864 e enviada de Dona Francisca (SC), deve ter surpreendido o ministro imperial. Utilizando terminologias arqueológicas extremamente técnicas e atualizadas, o conde estava muito à frente de seu tempo, superando as limitações dos intelectuais cariocas. O local investigado foi a baía de Saí, em São Francisco do Sul (SC),

(3) Infelizmente carecemos de maiores informações biográficas sobre o misterioso conde. Um dos poucos historiadores que mencionou este arqueólogo, José Bittencourt, referiu-se ao mesmo como “especialista em epigrafia internacionalmente conhecido” (1997: 235). Não sabemos que fontes foram utilizadas para afirmar tal declaração. Consultando a maioria das obras especializadas desta época, desde enciclopédias até livros de arqueologia francesa, não encontramos uma única citação referente ao pesquisador. Atendendo apenas à documentação disponível – manuscritos e impressos disponíveis no Brasil (Biblioteca Nacional) e Estados Unidos (Biblioteca do Congresso) – encontramos algumas pistas úteis. Sua aproximação com o Brasil não era apenas científica ou comercial. Correspondências demonstram um relacionamento direto com o imperador, a quem dedicou sua obra *L'Empire du Brésil*. Em sua carta endereçada ao ministro José Liberato Barroso, identificou-se como vice-cônsul dos Estados Pontifíciais. Também alguns manuscritos comprovam essa ligação com assuntos diplomáticos, nomeado ministro do interior da França (Hure 1864b, 1865d, 1870, 1877, 1887, s.d.).

onde encontrou restos de diversos sambaquis, denominados pelo conde de *amas de coquil-lages*.

Com auxílio de um jovem francês, identificou as conchas do local como da espécie chamada de *berbigão*. Sua primeira conclusão, comparando com os montes de concha artificiais da Dinamarca, foi de que esses restos eram provenientes de diferentes habitantes da região com o passar do tempo. La Hure observou que existiam no mesmo monte diferentes camadas de estratificação e de espécies conchíferas, comprovando épocas alternadas de ocupação. Escavando quase um metro e meio do sítio, encontrou três esqueletos humanos adultos, dos quais realizou uma pormenorizada descrição de suas características físicas, comentando o estado de conservação dos dentes e a proeminência das mandíbulas. Junto aos restos humanos, deparou com um machado de pedra, cacos cerâmicos e objetos líticos. Uma pedra trabalhada, de origem granítica, foi reproduzida em um detalhado desenho no relatório. As dimensões de cada face e suas equivalências em milímetros, apresentadas no croqui, atestam a sagacidade do conde em estudos arqueométricos.

Sem dúvida, La Hure apresentava uma formação especializada, não somente ao citar autores dinamarqueses, como Worsaae e Steenstrup, mas também ao descrever dados obtidos empiricamente. Detalhes de escavação e dos vestígios não foram ignorados, pelo que podemos considerá-lo um arqueólogo moderno, oposto ao modelo de antiquário brasileiro exemplificado em Manuel Porto Alegre. Como já mencionamos, o conde enviou os esqueletos e objetos junto com o relatório para o ministro, esperando serem examinados pelo Instituto ou doados para o Museu Nacional.

No final de setembro de 1864 o ministro José Barroso enviou, no mesmo dia, uma carta para o presidente do IHGB e uma resposta para o investigador francês. Ao primeiro incluiu o relatório original, solicitando um “parecer sobre o valor ethnographico e historico da descoberta” (Barroso 1864), enquanto para Hure agradeceu a oferta, aceitando a continuidade de seus trabalhos.

Advindo o primeiro mês do ano de 1865, novamente o conde remeteu um relatório para

o ministro. Infelizmente esse material foi perdido. Segundo Barroso, La Hure prontificou-se a explorar qualquer ponto do Império, caso fosse julgado conveniente. Findando janeiro, desta vez o conde enviou da própria capital uma carta para Fernandes Pinheiro (então secretário do Instituto). O teor da missiva foi muito obscuro, em parte devido ao nosso desconhecimento da carta anterior. No mês seguinte, o ministro imperial recebeu outro relatório, este com 30 páginas, tratando das pesquisas do conde.

A origem das ostreiras

Com o sugestivo título de *Considérations sommaires sur l'Origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*, o pesquisador francês inaugurou as modernas pesquisas dos vestígios litorâneos em nosso país. O prefácio do trabalho procurou demonstrar a extensão geográfica dos sambaquis, desde o Pará até a extremidade do Rio Grande do Sul. A importância principal no estudo destes locais seria a possibilidade de resgate da "plus ancienne race d'hommes du Brésil." (Hure 1865: 1). Em seguida, o trabalho foi dividido em três partes. A primeira era referente aos resultados obtidos empiricamente em Santa Catarina, que para Hure foram muito positivos e que poderiam enunciar inicialmente algumas conclusões:

1. *Os sambaquis foram originados pela mão humana.* Colocando-se entre os partidários da origem artificial destes montes conchíferos, Hure contestou aqueles que atribuíam os mesmos aos índios Guarani. Outras etnias proto-históricas, como os Carijó de Santa Catarina, foram também excluídas da possibilidade de terem sido as originadoras dos montes.⁴ Apresentando-se completamente recobertos por vegetação, arbustos e outros detritos, os sambaquis seriam anteriores à

(4) Atualmente consideram-se dois períodos de formação dos sambaquis sul-brasileiros: os realizados pelos *sambaquieiros* (de 5.000 a 1.000 anos atrás) e as aldeias e acampamentos dos grupos *Tupi-guarani* (1000 anos atrás até a chegada dos portugueses). Cf. Figuti 1999: 198.

colonização européia, realizados por uma mesma raça e com os mesmos padrões alimentares.

2. *Os sambaquis brasileiros são análogos aos da Dinamarca, ilhas Canárias e Antilhas,* seja pela maneira como foram formados (sobreposição de conchas), como pelos vestígios encontrados: ossos de peixes e de animais terrestres, cinzas e carvão de madeira, cerâmica espessa, utensílios de pedra. Na análise das diversas *camadas*⁵ dos sambaquis investigados é que percebemos todo o pioneirismo do conde. Para ele, as camadas seriam sucessivas e distintas umas das outras, apresentando uniformidade e separadas por cinzas, carvão e pequenas conchas. Mas no limite entre as camadas, o pesquisador percebeu uma diferenciação, apresentando um maior número de cinzas e restos de peixes. Sua interpretação para esse fato seria de que no período em que os moluscos apresentavam-se escassos, as populações litorâneas dedicaram maior tempo para a pesca. Ainda em relação à dieta alimentar dos sambaquieiros, observou a presença de um pequeno número de ossos de animais silvestres no sambaqui, interpretados como simples passatempos, sem maiores preocupações de subsistência.⁶

Outra fonte de alimentação destes povos, segundo Hure, seria a carne de prisioneiros de guerra. Nas camadas centrais de um sambaqui da lagoa de Saguauçu (SC), encontrou ossos humanos espalhados e partidos, misturados a ossos de peixe. As fraturas dos ossos indicariam a finalidade de extrair o tutano. Também

(5) *Camadas* – Superposição de estratos, de composição natural ou artificial. Estrato, horizontal ou não, com características próprias, numa estratificação. Leito ou estrato de rocha maciça, em depósito natural. *Estrato* – Camada geológica ou cultural. É composto por sedimentos minerais e evidências culturais. O mesmo que capa, nível, depósito. Cf. Souza 1997: 32, 52.

(6) Até pouco tempo, a coleta de moluscos era considerada a maior fonte de subsistência dos sambaquieiros. Porém, pesquisadores acreditam que a principal fonte de alimentação do grupo era a pesca, mesmo no início da ocupação dos sítios. As numerosas conchas parecem estar mais associadas à uma *estratégia de construção do aterro* do que a uma dieta alimentar (Gaspar 1999: 165, Figuti 1999: 201).

uma mesma mandíbula apresentava-se partida em dois fragmentos. Estes esqueletos diferenciavam-se dos outros ossos humanos encontrados, sem características de sepultamento. Para o francês, só poderiam ter sido descartados e expelidos após a refeição. A questão do canibalismo é um tema complexo. As crônicas e a bibliografia apontam para uma antropofagia americana com propósitos sempre ritualísticos, seja com caráter familiar (endocanibalismo, ingestão tradicional das cinzas) ou dos inimigos (exocanibalismo, digestão da carne). Mas alguns registros modernos em sambaquis também parecem confirmar as mesmas conclusões de Hure e, apesar de raros e isolados, não podem ser descartados.⁷

3. *O povo que construiu os sambaquis do Brasil habitou em sua superfície.* Além dos vestígios encontrados na escavação, Hure recorreu à etimologia para comprovar essa afirmativa. Sambaqui seria uma derivação da palavra *taba*, aldeia em tupi, originando *çaba quig*. Uma conclusão errônea, pois a procedência correta é: *tamba*, marisco e *qui*, amontoado. De qualquer maneira, suas teorias da formação geológica dos sambaquis e de sua utilização como habitação estavam corretas: sedimentos de terra e areia acumularam-se em volta dos restos conchíferos com o passar do tempo, originando as elevações dos sambaquis. Hure acreditava que a povoação indígena no Brasil foi originada pelo norte – hipótese muito aceita pelos acadêmicos brasileiros nesta época – e se estabeleceu aos poucos pelo litoral, criando e habitando os montes de lixo marinho.

Neste ponto, novamente recorreu às semelhanças existentes entre nossos sambaquis e os da Dinamarca, uma idéia sobre a qual o arqueólogo Worsae já havia se pronunciado. Essas semelhanças seriam independentes ou teriam alguma relação cultural direta? O conde francês não teve dúvida, recorrendo aos

velhos debates difusionistas, como por exemplo a colonização dos escandinavos na América. Mas sem necessariamente identificar a origem dos ameríndios no Velho Mundo, atentou para as conexões filológicas entre os dois continentes, citando Hugo Groetius e seu livro *De Origine gentium Americanarum* (1642). Grotius foi um dos iniciadores da hipótese de que a América foi colonizada pelos nórdicos, popularizada no Oitocentos por Rafn. Do mesmo modo, Hure não deixou de elaborar alguns comentários favoráveis às analogias entre as palavras, costumes e hábitos dos povos intercontinentais desenvolvidas por Grotius.

Apesar desta conexão lingüística, era muito claro para este arqueólogo a origem migratória do índio brasileiro: seria proveniente da Ásia, berço da Humanidade. Em uma extensa nota ao texto, Hure enumerou os autores que constataram as similitudes entre os indígenas da América do Norte e do Sul. Desta maneira, a *filologia* tornou-se um instrumento precioso no auxílio do resgate histórico. É uma importante aliada do difusionismo, desde autores setecentistas até intelectuais como Emile Âdet, Varnhagen, Warden, entre outros. Essa conexão entre as descobertas empíricas e sua interpretação dentro de modelos clássicos tornou-se um procedimento semelhante ao realizado desde o início da arqueologia moderna. Hure não fugiu a esse comportamento. Mas o que o diferenciou de antiquários como Porto Alegre foi a importância concedida aos vestígios materiais, em relação às similitudes filológicas.

A principal preocupação de Hure, seguindo seu texto, foi procurar mostrar as evidências que os sambaquis foram habitações indígenas. O costume de viver em regiões aquáticas, preservando-se do ataque de animais ferozes e de outros agrupamentos humanos, seria uma prática observada também na antigüidade européia. Mas nos sítios brasileiros, com vestígios de madeira praticamente escassos, saber qual a estrutura de habitação utilizada deve ter intrigado muito nosso pertinaz investigador. Segundo suas observações empíricas, os sambaquieiros não utilizavam cabanas de madeira, mas somente habitações provisórias semelhantes a choupanas, para o abrigo do sol

(7) Arqueólogos modernos encontraram evidências muito similares às de Hure: crânios isolados, ossos quebrados e raspados, misturados com numerosos ossos de peixe e cinzas de fogueira, o que comprova a existência de antropofagia entre os sambaquieiros do nosso litoral (Prous 1992: 218). Sobre a complexa questão do canibalismo brasileiro ver Raminelli 1996.

e chuva.⁸ Com relação ao uso de grandes fogueiras e de canoas talhadas ao fogo, mostrou-se também muito correto. Um outro detalhe curioso, que preocupou La Hure, foi a questão do odor exalado pelos sambaquis. Afinal, os indígenas habitavam em cima de verdadeiros lixos orgânicos. Para o sábio francês, os moradores deste locais deveriam utilizar muito a fumaça das fogueiras para atenuar as condições odoríferas.⁹

A segunda parte da memória tentou determinar a época em que teriam sido realizados os sambaquis, baseados em estudos de Arte, Filologia, Geologia, Etnografia e História. Apesar de não mencionar objetivamente uma datação, Hure calculou corretamente que os sambaquieiros deveriam ser mais antigos que os povos megalíticos europeus, ou seja, mais de três mil anos atrás. A origem asiática dos povos americanos foi apresentada como a mais provável, mas o conde também mencionou a possível inclusão de elementos brancos (semíticos) no Novo Mundo, entre os séculos VIII e IX d.C.

A parte final do relatório consistiu na descrição pormenorizada de cada objeto encontrado, identificados por suas respectivas camadas estatigráficas. Esse certamente foi o momento mais significativo de toda a investigação de Hure, que realizou um processo descritivo muito complexo para os padrões brasileiros de sua época.

A resposta do Instituto

La Hure insistia que seu relatório sobre sambaquis fosse examinado pelo IHGB,

(8) Apesar de raras, foram observadas estruturas de cabanas com fundos e delimitações por estacas, chegando inclusive algumas habitações a possuir sete metros de diâmetro. La Hure deve ter observado sedimentos de cor escura e compactados, comuns nos sambaquis catarinenses, que indicam também a utilização de choupanas sem apoio de postes cavados (Prous 1992: 211).

(9) “Pode-se imaginar o cheiro que exalava desse material, mas a percepção do que é um cheiro agradável ou desagradável varia de cultura para cultura. Um grupo que vivia da exploração do mar, pescando e catando moluscos rotineiramente, certamente deveria ter o olfato bastante acostumado aos odores que exalam desses animais.” (Gaspar 1999: 163).

conjuntamente com uma proposta de continuidade das suas pesquisas. Finalmente, após dez meses do primeiro contato, foi emitido um parecer pelo engenheiro Guilherme Such de Capanema,¹⁰ que não concordou com diversos pontos da memória. A etimologia da palavra sambaqui foi a primeira questão contestada. Quanto à idade desses vestígios, o parecerista acreditava que seriam proto-históricos, ou seja, fabricados no período colonial ou mesmo ainda em uso. A analogia com os vestígios dinamarqueses do mesmo modo recebeu críticas negativas. Capanema explicou a origem dos sambaquis por motivos geológicos, desprezando sua origem humana, pois não acreditava em uma grande antiguidade para eles. E também citou semelhanças entre morfologia craniana das culturas açorianas com os ameríndios e mesmo com o mito da Atlântida. Apesar de todas as suas ponderações, julgou que o Instituto deveria aceitar os objetos encontrados pelo conde. Percebemos uma nítida desatualização do barão de Capanema, pois o assunto não era novidade – ao menos na *Revista do IHGB*, a exemplo das antigas opiniões de Varnhagen, que já relatamos.

O conde francês enviou diversos outros livros, documentos e manuscritos de sua autoria para o Instituto. Três memórias mereceram pareceres especiais, respectivamente tratando sobre Geografia, Arqueologia e Geologia. Em setembro de 1865, Giacomo Rabaglia e Manoel Oliveira efetuaram uma análise sobre o trabalho *Exploration du Rio Parahyba*. A maior questão apresentada por Hure era referente às denominadas *pedras à écuelles*, que considerava formações naturais originadas pela erosão aquática. Na realidade,

(10) *Guilherme Schuch de Capanema, barão de Capanema* – engenheiro e físico brasileiro (Minas Gerais 1824 – Rio de Janeiro 1908). Formado na Escola Politécnica de Viena, foi professor da Escola Politécnica do Rio de Janeiro e do Museu Nacional. Participou da Comissão científica de exploração (1856), e da Carta Itinerária do Império (1871). Chefiou a Comissão de Introdução do Sistema Métrico, e instalou as primeiras estações meteorológicas no Brasil. Foi o fundador da Sociedade Brasileira de Estatística e do Instituto Politécnico Brasileiro. Cf. Grande Larousse 1998: 1135.

tratavam-se de *bacias de polimento*,¹¹ utilizadas pelas populações pré-históricas nas margens dos rios. A comissão, apesar de apresentar alguns conhecimentos sobre Geologia, não conseguiu formar uma conclusão definitiva sobre o assunto. O grande mérito apontado na memória do conde foi o de apresentar pesquisas em uma região desconhecida do Brasil (Gabaglia 1865: 309).

Outra memória geológica da região do rio Paraíba foi examinada por Saldanha Filho em novembro de 1866. Este novo trabalho manuscrito de Hure, que foi o único publicado pela *Revista*, descrevia as formações e decomposições das rochas de diorito. Um trabalho muito metucioso e extremamente técnico. Quanto ao parecer de S. Filho, baseava-se nas pesquisas do barão de Capanema, demonstrando certas restrições teóricas para as conclusões do conde francês. Mas como os outros pareceres, reconhecia a importância destes estudos em locais ermos para a ciência nacional (Filho 1866: 421).

Se de um lado temos pareceres não muito otimistas sobre suas pesquisas, por outro, ocorreu um grande interesse pelas possibilidades econômicas dos mesmos. Desde 1865, Hure solicitava ao ministério imperial e ao IHGB subsídios para as custosas investigações de campo, não sendo em nenhum momento atendido. Mesmo suas proveitosas propostas encaminhadas não surtiram efeito: relatórios, levantamentos de plantas e seções geológicas, desenhos, mapas, determinação de posições geográficas, observações meteorológicas, etnológicas, levantamento de inscrições rupestres (Hure 1865).

A grande temática dos trabalhos apresentados – investigações arqueológicas – não estavam recebendo maiores atenções por parte dos intelectuais brasileiros durante os anos 60. O único trabalho de Hure impresso na *Revista* versava sobre Geologia, um assunto bem mais

interessante aos anseios econômicos do momento. A reação da imperial academia para com a memória sobre a cidade perdida da Bahia, por exemplo, foi reservada. Dos quatro relatórios do conde de La Hure enviados ao Instituto, os relativos à pré-história mostraram-se muito mais morosos para terem juízos publicados na *Revista*. Enquanto os pareceres que tratavam de Geologia foram impressos em menos de um mês, o de sambaqui levou cinco e o da cidade perdida dez meses.¹² Apesar de envolver algumas polêmicas, o tema da Geologia mostrava-se dentro de um panorama muito mais tranqüilo. E envolvia um interesse imediato aos anseios da elite: a transformação de bens naturais em recursos econômicos. Uma das metas do IHGB era ampliar as fronteiras do conhecimento das províncias, tornando o espaço territorial mais acessível. Conhecendo melhor seus minérios, suas matas, seus rios, o Império estaria viabilizando a ciência enquanto instrumento de conquista das potencialidades naturais, uma tarefa que para a Arqueologia do momento estava descartada.

Depois de uma intensa atividade de correspondência, o conde La Hure cessou seu intercâmbio com o Instituto após 1867. O pesquisador francês continuou seu contato com membros da elite carioca, a exemplo do imperador D. Pedro II. Mas seus vínculos com o passado pré-histórico se desvaneceram. A tarefa de esquadriñar nosso passado litorâneo passaria para as mãos de outros investigadores.

A década das escavações

O início da nova década também refletiu um posicionamento diferente do Instituto para com o tema dos sambaquis. Pela primeira vez, foi publicado um estudo sobre esses sítios

(11) *Bacias de polimento* – Vestígios humanos utilizados sem modificação intencional. Rochas granulosas, ricas em sílica, em cujos afloramentos localizados perto da água os homens esfregavam as pedras que desejavam polir, provocando a formação de amplas depressões alongadas ou circulares bem polidas, por vezes com sulcos alongados (Prous 1992: 64).

(12) *Entrada dos relatórios de Hure no IHGB (E); Publicação dos pareceres (P):*

1 – *Sambaquis* (E – 10/2/1865; P – 16/6/1865)
2 – *Cidade Perdida* (E – 21/6/1865; P – 12/4/1866)
3 – *Exploração do rio Paraíba* (E – 18/8/1865; P – 15/9/1865)
4 – *Rochas do Desengano* (E – 10/10/1866; P – 8/11/1866)

arqueológicos, *Noticia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil* (1871), do geólogo Carl Rath.¹³ Não deixa de ser curiosa uma questão: porque o IHGB publicou este estudo de Rath, e não o de La Hure, seis anos antes? Os dois intelectuais pareciam estar bem envolvidos com a elite da capital, mas alguns indícios apontam para uma especial posição do estudioso alemão. A partir dos anos 40, Rath publicou algumas considerações sobre sambaquis na revista *Brasilia*, de Petrópolis, bem como em jornais europeus. Importantes membros do Instituto, como Capanema e Freire Alemão, devem ter tomado conhecimento dessas publicações, mesmo porque Rath não enviou originalmente o seu artigo de 1871, sendo reimpresso pelo Instituto em alguma publicação paulista.

Outros fatores, como a conjuntura desta década, reforçaram a escolha entre as duas memórias aludidas. Como sabemos, os anos 70 foram o período em que as novas idéias, métodos e teorias científicas entraram definitivamente em nosso país. O artigo de Rath, comparado com o de Hure, era muito pequeno, com apenas seis páginas. Não apresentou detalhes ou descrições muito longas, apenas conclusões parciais baseadas nas experiências pessoais do autor. Para o geólogo alemão, não havia dúvida que os sambaquis foram construídos por antigos indígenas, uma idéia reforçada pelo encontro de artefatos líticos junto a ossadas humanas no litoral brasileiro e em sítios semelhantes nas Guianas. Outra grande diferença entre esses dois pesquisadores foi de que o texto de Rath não apresentava nenhuma filiação ao ideário difusionista, sendo muito mais apropriado ao novo contexto vivenciado na *Revista*. Em sua última observa-

ção, o geólogo germânico lamentou a falta de verbas e incentivo público para as escavações de campo, uma atitude que já havia sido tomada por La Hure em 1866.

Esse fato perpetuou-se por toda a nova década, não ocorrendo patrocínio para pesquisas arqueológicas por parte do IHGB. Porém, os sambaquis continuariam a despertar interesse de seus membros, como foi o caso do engenheiro barão de Capanema. Em 1874, publicou o artigo “Die sambaquis oder muschellugel brasilien” (*Petermann's Mittheilungen*, Gotha, Alemanha), que foi reproduzido na revista *Ensaio de Sciencia* (março de 1876). Em relação ao seu parecer sobre a memória de La Hure, escrita dez anos antes, não percebemos muitas modificações. Em nenhum momento Capanema aludiu sobre a antiguidade desses vestígios, preferindo citar exemplos de fabricações similares nos tempos contemporâneos. A diferença entre as camadas estratigráficas de cada sítio – uma prova de diferentes momentos cronológicos – foi apontada como resultado de processos naturais: na mesma época em que um grupo criou aleatoriamente esses depósitos de lixo, a natureza teria feito várias camadas de terra. Essa sua interpretação contrariava as corretas idéias de Hure e Rath, que apontavam diferentes períodos para cada nível dos sambaquis. Outro erro de Capanema foi considerar os vestígios de fogueiras entre as camadas como sendo antigas queimadas na vegetação do local.

Apesar de sustentar uma origem artificial para a estrutura dos sambaquis, o barão contrariava todas as teorias vigentes sobre sua funcionalidade. Em relação aos ossos humanos nos sítios, cuja existência ele mesmo confirmou, afirmou que seriam muito raros, simples restos abandonados do mesmo modo que as conchas: “reduzimos assim á sua singela expressão natural o sambaqui, que teve de servir para tanta produção fantástica, ora sendo diques, ora trincheiras, outras vezes mausoleus, e até construções para o culto.” (Capanema 1876: 85). Os especialistas modernos concordam que os sambaquis foram erigidos com finalidades específicas de construção, não sendo apenas restos de alimentação dos agrupamentos, mas também a maioria destes sítios não foram especializados

(13) Não temos informações mais detalhadas sobre esse pesquisador, autor de algumas obras sobre corografia e aspectos geográficos das províncias de São Paulo e Paraná. Rath voltou ao tema dos sambaquis no livro *Algumas palavras ethnologicas e paleonthologicas a respeito da provincia de São Paulo* (São Paulo: Typographia de J. Skler, 1875), e no artigo “Die sambaquis oder muschellugelgraber brasiliens”. *Globus, Illustrierte zeitung fur laender und volkerk Braunscheweig*, 26 (13): 193-198, 1874. Essas duas fontes não existem nos principais acervos brasileiros.

como cemitérios ou habitações, sendo antes uma mescla de ambos (Figuti 1999: 159-167, Prous 1992: 216).

Em todo caso, temos de considerar as idéias de Capanema em relação aos outros pesquisadores do período. Percebemos que havia uma tendência deste autor em criticar investigações estrangeiras.¹⁴ No início de seu artigo, afirmou que o mais famoso geólogo oitocentista, Charles Lyell, teria cometido um grave erro ao conceder uma origem civilizada aos sambaquieiros paulistas. E as teorias já comentadas do barão sobre a funcionalidade dos sítios eram contrárias aos estudos de Hure e Rath – ambos de origem européia. Capanema foi um pesquisador preocupado em dar continuidade a uma linha de investigação nacionalista, originada durante os anos 40, e que creditava muitos erros aos exploradores vindos de fora do país. Do mesmo modo que o antiquário Manoel Porto Alegre entre 1840-1850, Capanema esperava encontrar as respostas para nossa pré-história em uma geração perdida, e não em simples restos de lixo indígena, opondo-se, deste modo, aos anseios de estrangeiros muito mais preparados tecnicamente na recuperação de relíquias arqueológicas.

As pesquisas do Museu Nacional

O interesse pelos polêmicos sítios litorâneos se estendeu pelos anos seguintes. A

(14) Capanema foi um típico cientista oitocentista, cujas teorias já estavam estabelecidas em sua mente, antes mesmo de realizar investigações de campo, que foram muito poucas. Caso tivesse escavado diversos sambaquis, teria percebido os vestígios típicos de qualquer sítio desta natureza, contrariamente às suas interpretações. Mesmo Rath já havia notado esse padrão sambaquieiro, do mesmo modo que Hure muito antes: “No fundo e centro d’estes outeiros (...) encontramos sempre ossadas humanas, e junto a ellas acha-se não pequeno numero de armas e utensilios de pedras, como sejam, machados, pontas de lança, frechas, cunhas, viroles, argolas, massas, pilões, mãos de pilões, pedras chatas e concavas (...) um povo antiquissimo do Brasil reuniu no espaço de muitos annos as cascas d’estes crustaceos que comia, para entre ellas sepultarem os seus irmãos mortos.” (Rath 1871: 288).

revista *Bulletins de la Société d’Anthropologie de Paris*, por exemplo, publicou um resumo do artigo de Rath (*Revista* 1871), efetuado por Abbé Durand em 1874. Definitivamente, o tema despertava grandes interesses tanto pela comunidade internacional, quanto pelos investigadores nacionais. Durante uma incursão pelo Rio Grande do Sul, os naturalistas Ladislau Neto e Carl Schreiner realizaram algumas pesquisas em vestígios dessa natureza, no ano de 1873. Com base nestes estudos iniciais, Neto organizou uma série de problemáticas em torno do assunto, encarregando o estudioso Carl Wiener de realizar escavações em Santa Catarina. As principais preocupações do então empossado diretor do Museu Nacional diziam respeito a indícios que esclarecessem a origem dos sambaquis – como vestígios de fogueira e a posição dos esqueletos dentro das camadas dos sítios. Deste modo, Wiener publicou o artigo *Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil*, o primeiro da estreata *Archivos do Museu Nacional*, de 1876. A escolha não foi de modo algum casual, demonstrando o interesse da instituição pelo patrocínio da Arqueologia. Em seus seus trabalhos de campo, Wiener foi acompanhado por Schreiner, do Museu Nacional, Frederico Muller,¹⁵ professor do Desterro, e Martiniere, filho do vice-consul francês. A composição desta equipe também refletiu o envolvimento da elite erudita das províncias em torno de temas pré-históricos.

O relatório-artigo de Wiener foi dividido em quatro partes, tratando a primeira do ambiente geográfico, da forma e dimensões dos sítios, enfim, da estrutura dos sambaquis.

(15) Wiener se refere a Frederico Muller como lecionando em Florianópolis. No primeiro número do *Archivos* (quadro pessoal do Museu Nacional), ele aparece como naturalista viajante. Maria Margaret Lopes (1997: 101) cita o intelectual como *Fritz Muller* e morando na cidade de Blumenau. Cientista alemão (1821-1897), emigrou para o Brasil em 1852, dedicando-se à agricultura em Blumenau. Manteve correspondência assídua com Darwin e Haeckel. Descreveu numerosas plantas, insetos, moluscos e crustáceos. Escreveu em 1864 o livro *Für Darwin*, em defesa do darwinismo. Conf. Grande Larousse 1998: 4117.

Pelas terminologias empregadas, o investigador demonstrou ser um naturalista particularmente familiarizado com Geologia e Paleontologia. E justamente nesta parte foi o momento em que citou os anteriores trabalhos de Rath e Hure. Do primeiro, criticou dados de localização litorânea dos montículos, e do segundo, detalhes sobre vegetação cobrindo os sambaquis. Wiener ainda classificou os sítios morfológicamente em trincheiras, colinas e montes regulares; e segundo suas disposições internas, em *irregulares*, *túmulos* e os destituídos de divisão interna.

Na seção dedicada aos objetos humanos recuperados pela expedição, percebemos as limitações deste autor nas questões arqueológicas. Wiener descreveu cada objeto encontrado, mas sem fornecer sua localização nas respectivas camadas e sítios, um procedimento que o conde de La Hure havia feito de maneira bem competente. Sem os dados espaciais dos artefatos, o *registro*, a Arqueologia é destituída de seu principal método de trabalho, que diferencia os cientistas de qualquer escavador comum.

Na síntese final, o artigo estabeleceu algumas conclusões divergentes com as opiniões reinantes até então, e, em outros aspectos, conservou algumas especulações. Sobre a época em que foram levantados esses montes conchíferos, Wiener foi totalmente contrário a uma remota datação, considerando-os com poucos séculos. Nesse momento, o geólogo contrariou Lund, Rath e Hure (defensores de uma data pré-diluviana para os sambaquis), baseando-se em considerações do astrônomo e naturalista Emmanuel Liais sobre calcificação das conchas. Ora, sabemos muito bem que tanto Wiener, quanto Liais e Capanema, estavam estreitamente ligados ao Museu Nacional e ao IHGB, e ambos consideravam que os montículos eram recentes. Existiria alguma relação entre os resultados destas pesquisas com pressupostos ideológicos da elite imperial? Mais adiante surgem algumas pistas que esclarecem essa questão. Como já afirmamos, Wiener classificou os sambaquis em diversos tipos, encontrando em alguns destes – os *irregulares* – mais ossadas humanas do que de animais. Todos esses corpos ficaram depositados em fragmentos, o

que levou o geólogo a afirmar que seriam vestígios de canibalismo: “a carne humana era provavelmente mais apreciada do que qualquer outro alimento.” (1876b: 17).

O investigador germânico não soube examinar atentamente os vestígios que encontrou, faltando experiência arqueológica para escavar os diversos montículos. Muitas vezes, *sepultamentos primários*¹⁶ podem ter sido fragmentados com a erosão ou deslocamento das camadas geológicas. A falta de outros tipos de ossos animais pode ter sido ocasionada pela ausência de mais escavações por parte de Wiener. Um arqueólogo mais preparado, como foi o caso de La Hure, percebeu que os sambaquieiros alimentavam-se de peixes, moluscos, pequenos mamíferos e aves, conforme a época de escassez de alimentos – um dado obtido pelo exame estratigráfico. Quando o conde francês encontrou ossos com indícios de canibalismo, estes estavam além de despedaçados, quebrados e com cortes transversais, indicando seu descarnamento, misturados com cinzas e ossos de outros animais. Além disso, Hure diferenciou claramente sepultamentos de vestígios antropofágicos no mesmo sítio, estes últimos apontados por ele como indícios de exocanibalismo.¹⁷

(16) *Sepultamento primário* – Aquele em que o morto foi sepultado sem receber qualquer tratamento prévio de descarnar ou cremação e também não foi exumado e reenterrado algum tempo depois da morte (Wesolosky 1999: 193). *Enterramento direto* – se o corpo é colocado diretamente de encontro à terra, sem uso de urnas ou receptáculos (Souza 1997: 49).

(17) Tradicionalmente, os historiadores e antropólogos sempre consideraram os vestígios de antropofagia como *ritualísticos*, seja para a ingestão de mortos da mesma tribo, como para inimigos externos. Mas, atualmente, algumas pesquisas meticulosas apontam a ocorrência de canibalismo como *dieta alimentar* em casos extremos – como a falta de outras alternativas de alimento, ocasionadas por secas ou catástrofes naturais. O melhor exemplo é com a antiga tribo dos Anasazi, no sul dos EUA. Sem nenhuma tradição religiosa ou social contendo esta prática, foram encontrados restos de ossos quebrados, descarnados e misturados a cinzas – exatamente como Hure descreveu os vestígios nos sambaquis catarinenses. Além disso, exames de laboratório em excrementos provaram a ingestão de carne humana. A estratigrafia deste sítio Anazazi apontou um grande período de seca, relacionado a conflitos violentos e ao colapso

Baseado em suas errôneas interpretações, Wiener logo elaborou uma série de hipóteses etnocêntricas. Os mais antigos sambaquis, os de forma irregular, teriam sido habitados por “bipedes carnívoros,” que se alimentavam dos seus semelhantes, e em cuja convivência ainda não haveria leis sociais. A partir do momento em que a individualidade física foi respeitada, surgiu a moral, o progresso e a ordem, acabando com a antropofagia. Os sambaquis transformaram-se em *túmulos*, locais para resguardar a memória dos mortos: “a primeira pedra de tudo quanto a civilização tem podido erigir de grande e bello (...) recorda-se aos viventes por um monumento, primitivo, é verdade, mas que se torna um dos mais curiosos para a historia da humanidade.” (1876b: 18). Neste momento, não estamos distantes das idéias de Ladislau Neto, do qual o geólogo foi subordinado, ou das metas do Instituto. O sambaqui como um primitivo indício de civilização, um marco grandioso e visível do passado separado da barbárie, cuja forma atesta um desenvolvimento intelectual dos antepassados do Império brasileiro. O típico antagonismo na imagem indígena – geralmente representado pelo eixo Botocudo/Tupi – apareceu aqui na forma de duas fases distintas dos restos litorâneos.

Por último, Wiener fez rápidos comentários sobre os instrumentos líticos dos sambaquis. Como tinha encontrado muitos instrumentos polidos e pouquíssimos por lascamento, concluiu erroneamente que na América existiu uma idade da pedra polida antes da lascada. Uma idéia influenciada pela obra de Couto de Magalhães, e endossada por Emmanuel Liais. Este trabalho de Wiener, financiado por

Ladislau Neto, não apresentou nenhuma novidade ao panorama das pesquisas sobre o assunto, pelo menos, o que já havia sido resgatado por Hure e Rath, sendo, inclusive, bem inferior em resultados empíricos. Representou uma tentativa do Museu Nacional em entender o próprio acervo, composto em grande parte por material sambaquieiro, assim como de sistematizar as pesquisas destes importantes sítios. Porém, devido à falta de preparo do comissionado, esta meta transformou-se em uma expectativa sem maiores sucessos.

Mas, apesar disso, o artigo abriu uma série de discussões, inaugurando uma nova fase nas investigações brasileiras. Ao escavar sambaquis no Pará, por exemplo, o naturalista Ferreira Pena¹⁸ já estava conhecendo o trabalho de Wiener, nesse mesmo ano de 1876. Os resultados destas investigações também logo foram publicados pelos *Archivos*, mas seu autor não esperava alcançar nenhum resultado sistematizador, e sim uma espécie de guia para os futuros pesquisadores. A quantidade de montículos conchíferos ainda visíveis nesta época era bem elevada, motivando Pena a elaborar um extenso mapeamento dos locais. Mesmo não apresentando maiores conhecimentos arqueológicos, ao descrever os objetos e condições estratigráficas encontradas, este naturalista não demonstrou os mesmos erros de interpretação da comissão oficial do Museu Nacional. Baseado em suas descobertas, Ferreira Pena discordou de Wiener, concluindo que existiram sepultamentos de corpos inteiros nos montículos, e principalmente, que os indígenas não “comiam carne humana como quem come mariscos e peixes, nem mesmo para satisfazerem a fome, e seguramente nenhum delles jámais vio no seu semelhante um simples objecto de alimentação!” (1876: 95). Somente os selvagens mais

do sistema Chaco. Conf. Walker 1997: 26. Do mesmo modo, na região de Ardèche (França), indícios apontam práticas canibais dos Neandertais há 100.000 anos atrás: “Cut marks on the bones could have been made only by sharp flints. The skulls had been smashed open and limb bones had been broken apart, presumably to extract nutritious brain tissue and remove marrow. Only the hand and foot bones, which contain no marrow, remained intact. Cut marks indicate that tendons had been severed (necessary for limb removal), the thigh muscles removed, and in at least one case a tongue taken out.” *Archaeology* 1999.

(18) *Domingos Soares Ferreira Pena* – Naturalista, nasceu em (Mariana) Minas Gerais e faleceu em 9 de janeiro de 1888. Professor da Escola do Pará, sócio do IHGB, foi incumbido em 1863 de explorar os rios Tocantins e Amapá, em companhia do engenheiro J.R. Moraes Jardim. Foi o primeiro diretor do Museu Paraense Emílio Goeldi e naturalista viajante do Museu Nacional. Cf. Blake 1883: 233-234.

ferozes seriam canibais, aproveitando a carne dos inimigos, mortos em rituais.

Um assunto que despertou a atenção de Pena, assim como de todos os anteriores pesquisadores de sambaquis, foi a questão do cheiro exalado por estes sítios. Para o referencial evolucionista destes eruditos, causava certo desconforto a imagem de indígenas habitando, comendo e sepultando sobre lixo orgânico! Já na difícil questão da origem e idade dos montes paraenses, Ferreira Pena elaborou algumas hipóteses baseado em dados etnológicos. Os depósitos de conchas teriam tido início no século XIV, através do povoamento de tribos vindas do Peru. Nesta questão, o trabalho do investigador paraense não ia contra o estabelecido por Wiener. Percebemos uma outra linha de pensamento, justamente em um pesquisador externo ao Museu Nacional, o já comentado Barão de Capanema, que foi adjunto de Geologia desta fundação até 1876, quando se exonerou.

Justamente neste ano, em que também surgiu o primeiro número do *Archivos*, Capanema lançou com João Barbosa Rodrigues a revista independente *Ensaio de Sciencia*. Estes dois eruditos foram alguns dos maiores desafetos de Ladislau Neto, então diretor do Museu. Wiener, Neto e Pena foram partidários do sambaqui como forma artificial de construção, utilizada geralmente para enterros funerários. Já para o barão de Capanema, os montículos nada significavam, e seu artigo implicitamente discordava deste grupo, além de ser uma crítica velada a ele: “sabios de cacós de potes, geólogos e antropólogos improvisados.” (1876: 81).¹⁹ Outro intelectual que

(19) O barão de Capanema possuía muito prestígio no Império. Foi amigo de infância do imperador e cunhado de Manoel Porto Alegre (Lopes 1997: 138), este também muito envolvido com arqueologia durante as décadas de 40 e 50. Capanema continuou suas escavações em sambaquis até o início do século XX, mas depois do artigo de 1876, não publicou nenhum material sobre pré-história. Saíndo do Museu Nacional, continuou como membro da comissão de geografia do IHGB até final do Império. Ocasionalmente, como no período de 1884-1889, voltou a ocupar a comissão de arqueologia. No final do século, Capanema investigou uma misteriosa inscrição-petróglifo relacionada a um sambaqui de Antonina (PR), que considerava uma obra da arte humana (Leão 1919: 238).

defendia um pensamento semelhante – os restos conchíferos eram artificiais mas não monumentos – foi também um adversário de Neto na mesma instituição, o médico João Lacerda. Essas rivalidades pessoais no Império pareciam estar relacionadas com interpretações diferentes sobre a pré-história, o que pode ser percebido na arqueologia brasileira até nossos dias. Alguns estudiosos modernos (Souza 1997, Lima 1999-2000: 287) declararam que houve, a partir de 1870, uma divisão quanto à origem dos sambaquis, entre os defensores do naturalismo e o artificialismo. Mas, na realidade, a grande maioria dos pesquisadores das duas últimas décadas do Império admitiu o homem como fabricante de tais montes. O *único defensor* da corrente naturalista no Império, mas com publicações somente no período republicano, foi Herman Ihering, diretor do Museu Paulista.

Em meados dos anos 70, Carl Rath entregou ao imperador um minucioso relatório sobre suas descobertas. Levando D. Pedro II a acompanhá-lo em suas escavações nos casqueiros do rio Santana, em Santos, “onde recolheu um grande bloco com um sepultamento e vários objetos” (Souza 1991: 63). Outras pesquisas *in loco* também ocorreram durante esta década, como as comissões de Roquete Pinto ao sul do Brasil, e Charles Hartt na Amazônia, ambas financiadas pelo Museu Nacional; e as do naturalista João Barbosa Rodrigues,²⁰ que possuía uma opinião muito pessoal e atípica sobre os montículos.

No terceiro volume da *Ensaio de Sciencias* (1880), Rodrigues demonstrou estar bem familiarizado com a bibliografia escandinava sobre o assunto. Examinando os sambaquis da Amazônia, acreditou que suas semelhanças com os existentes na Dinamarca não eram somente coincidências estruturais. Com isso,

(20) *João Barbosa Rodrigues* – Botânico brasileiro (São Gonçalo do Capivari MG 1842 – Rio de Janeiro RJ 1909). Explorou durante três anos e meio o rio Amazonas, realizando trabalhos de Botânica, Arqueologia, Antropologia e Etnografia. Foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (1890 a 1909). Publicou *Iconografia das orquídeas do Brasil; Relação das novas palmeiras*. Cf. Grande Larousse, 1998: 5095.

os antigos indígenas da Amazônia seriam mais que simples bárbaros, produtores de cerâmica e utensílios de pedra – do mesmo modo que os povos nórdicos. Uma idéia bem diferente de praticamente todos os outros pesquisadores do assunto. Mas uma questão intrigava o naturalista. O que seriam os ossos humanos dos montículos? Rodrigues não podia acreditar no canibalismo, nem mesmo nos sepultamentos primários. Afinal, um povo civilizado não iria enterrar seus mortos no meio de lixo orgânico, e muito menos devorá-los. Os corpos seriam simples acidentes, pessoas que morreram e por coincidência acabaram sedimentadas com os restos de comida. Esta interpretação do naturalista nos permite verificar a quantidade de especulações em torno deste tipo de relíquia. Em relação ao pensamento do período, o artigo de Rodrigues foi praticamente ignorado, até mesmo por seu colega Capanema. Os grandes debates ainda giravam em torno da revista do Museu Nacional.

Os sambaquis nos anos 80

Em 1885, no sexto volume do *Archivos*, foram publicados os resultados das pesquisas do então falecido Charles Frederic Hartt, que não foram muito diferentes das de Ferreira Pena. Tendo como objetivo maior o registro de alguns sítios, estudos mais detalhados e meticolosos foram deixados em segundo plano. Este investigador encontrou ossos humanos e de mamíferos nos sambaquis do Pará, praticamente, os mesmos vestígios que os sítios de outros locais do Brasil. Mas um detalhe em especial chamou a atenção do geólogo Hartt. Ao deparar com fragmentos de louça, considerou que estes indígenas haviam dado um grande passo para a civilização, e no caso, seriam muito mais adiantados que os atuais Botocudos.

Neste mesmo número do *Archivos* apareceu outro artigo, *O homem dos sambaquis*, de João Lacerda. As principais preocupações deste médico-antropólogo foram um pouco diferentes de seus predecessores. Em primeiro lugar, Lacerda considerava muito mais importantes os vestígios craniológicos dos sambaquieiros do que restos de sua manufatura lítica

ou mesmo outros tipos de resquícios. Com um cérebro tão pequeno e inferior, o habitante dos sambaquis não poderia ter feito nada de grandioso, muito menos monumentos arqueológicos – a exemplo do que pensavam Wiener e Neto. A configuração dos montículos foi um mero acidente de acúmulo alimentar.²¹ Essas idéias de Lacerda foram ainda mais acentuadas em outro trabalho, surgido anteriormente na *Revista da Exposição* (1882). Sem nenhuma indústria e uma arte imperfeita, os sambaquieiros teriam constituído a raça mais selvagem, bruta e imperfeita que habitou o Brasil, mais inferiores até do que os Botocudos. Neste momento, percebemos uma idéia totalmente oposta à enunciada por Hartt.

Ao menos para os intelectuais, os restos conchíferos eram muito importantes para se entender nosso panorama indígena. Durante a Exposição Antropológica, realizada na sala Lund, foi representada uma planta detalhada de um sambaqui catarinense, ao lado de conchas, fragmentos de carvão, mariscos, ossos de animais e peixes. Além é claro, de crânios humanos. Imaginar como teria sido a vida nesses locais era muito instigante para qualquer arqueólogo, e o diretor do Museu Nacional não seria indiferente a isso. Em seu único trabalho a respeito do assunto – A origem dos sambaquis, *Revista da Exposição* –, Ladislau Neto tentou criar uma imagem baseada em dados mais empíricos. A antiga questão monumental foi deixada de lado, mesmo porque não havia indícios que apontassem positivamente para isso. Também já não importavam detalhes como o estado civilizatório desses povos, devido ao consenso em considerá-los aborígenes selvagens. Baseado em suas viagens ao Rio Grande do Sul, Neto acreditava que os depósitos litorâneos foram criados durante o inverno por tribos do interior. Ao fugir do frio, os indígenas viviam da pesca e da coleta de moluscos, no espaço de quatro meses, rendendo grandes provisões para o seu regresso ao interior. Ao

(21) O arqueólogo Alfredo Mendonça de Souza cometeu um equívoco ao citar João Lacerda como representante da corrente naturalista dos sambaquis (1991: 69).

escavar alguns sambaquis desta província, acreditou ter encontrado evidências desse fato: a maior quantidade dos ossos animais das camadas eram de peixes do inverno. Por isso mesmo considerava que os restos de fogueira seriam indícios decisivos para futuras pesquisas, além da posição estratigráfica dos esqueletos. Essa imagem defendida por Neto parece, antes de tudo, uma espécie de *desvio funcional*. As tribos indígenas não teriam feito os sítios como parte de um processo natural da sua cultura, mas antes, uma necessidade derivada das condições climáticas. Uma maneira de minimizar a imagem “repugnante” de nossos ancestrais habitando montões de entulhos.

Neste momento percebemos que a maior limitação nas teorias de todos os pesquisadores, até então, foi a falta de uma maior sistematização, comparando os dados obtidos com os sambaquis de todo o país. Pequenos detalhes, na maioria das vezes, eram superestimados, e outros, minimizados, originando hipóteses sem maiores fundamentos. Wiener, por exemplo, não encontrou esqueletos inteiros; Lacerda desconhecia achados de cerâmica neste sítios. Caso estes dois pesquisadores tivessem levado em conta as outras pesquisas publicadas até então, ou teriam mudado de opinião, ou seriam menos categóricos. *O único fato absolutamente aceito* pelos maioria dos eruditos brasileiros, durante os anos 80, foi que os indígenas originaram esses montículos nos tempos modernos.

Essa falta de sistematização também acarretou outras conseqüências. O artigo de Wiener, por ter sido publicado no *Archivos*, acabou sendo o mais conhecido trabalho nacional na Europa. Citando suas pesquisas, o marquês de Nadaillac (*L'Amérique préhistorique*, 1882: 55), considerou que todos os antigos habitantes do Brasil foram antropófagos! Por sua vez, o professor G. Muller-Schiess (Dona Francisca, SC), forneceu diversas informações para A. von Eye (Joinville, SC), autor do artigo *Die Brasilianischen Sambaquis* (*Zeitschrift fur ethnologie*, 1887: 531-533), levando a conclusões idênticas: do mesmo modo que os Botocudos, os sambaquieiros foram uma raça canibal e selvagem. Já comentamos que os resultados fornecidos por Wiener são contestáveis. A partir de interpretações errôneas dos dados estratigráficos, os

intelectuais generalizaram um suposto comportamento que, na realidade, remete a um estereótipo presente no pensamento ocidental. Tradicionalmente, o homem canibal esteve associado com a figura do pagão, do estrangeiro, do habitante das florestas, enfim, de toda sociedade desvinculada dos princípios superiores da civilização européia: “as guerras, a nudez, o canibalismo e a falta de centralização política sempre foram costumes próprios dos bárbaros.” (Raminelli 1996: 54).

Na América, essa forma de conceber seus habitantes não seria diferente. Desde a colonização, as imagens de antropofagia tiveram forte apelo para o imaginário. Com o Renascimento, a *própria imagem do Brasil* foi muitas vezes confundida com o canibalismo, como na iconografia cartográfica (p. 60). A influência do estereótipo camuflou ou superou a experiência fornecida pelos relatos empíricos, sedimentando a imagem do indígena do Brasil como um selvagem por natureza devorador de outros homens: “a difusão dos estereótipos do bárbaro e do demoníaco constitui uma forma de absorver a diversidade cultural encontrada no Novo Mundo. O índio seria integrado ao imaginário ocidental, recebendo portanto uma classificação e um valor.” (p. 66). Sem condições de entender as exóticas e diversificadas formas sociais dos aborígenes, tanto o europeu renascentista quanto o arqueólogo do século XIX generalizaram estereótipos que colocavam o homem europeu como um ser superior, livre das características animais do americano primitivo.

Cada pesquisador adaptava estas imagens tradicionais com suas próprias hipóteses, e com o tipo de material encontrado no meio do lixo indígena. Como Karl Koseritz, que, durante a década de 80, foi um dos intelectuais mais atuantes na província gaúcha, realizando muitos estudos sobre pré-história. Ele foi um perceptível defensor dos indígenas, para os quais criou uma imagem extremamente positiva. Acreditava que a antiga população pré-cabralina foi muito numerosa, com a tecnologia lítica atingido um nível espetacular – demonstrado pelos restos de machados dos quais fez uma grande coleção. Suas descobertas arqueológicas foram publicadas em diversos artigos no jornal *Gazeta de Porto Alegre*, mais

tarde reunidos em alguns opúsculos. Particularmente, um desses estudos foi reimpresso pela *Revista do IHGB* em 1884.

Koseritz dedicou-se ao estudo dos sambaquis da Conceição do Arroio, que na realidade foram investigados por sua equipe, composta por Bischoff, Kehl e Helm. À medida que diversos objetos foram sendo encontrados nas camadas de conchas, o erudito alemão acreditava que seus fabricantes seriam de tribos diversas das que então povoavam esta província. Um nítido contraste foi assim estabelecido. De um lado, os autores prováveis dos sambaquis, e de outro os indígenas então contemporâneos, sem vínculos com os montículos de conchas, e a que era positivamente favorável. À medida que as pesquisas de campo prosseguiram, foram encontrados vestígios perturbadores, todos no interior de *igaçabas sambaqueiras*:²² pérolas de vidro, chapas de cobre e de prata. Como bem sabemos, as populações indígenas não fabricavam o vidro nem metais antes dos europeus. Isso demonstrava, para Koseritz, que teria existido alguma espécie de vínculo entre o ocidente e nosso passado, bem antes do tradicionalmente concebido. Assim, apelou para a hipótese de que navegantes fenícios estabeleceram antigos contatos comerciais com os selvagens (1884b: 35). Em nosso século não foi realizado qualquer estudo sobre a instigante questão da ocorrência dos mencionados objetos. O diretor do Museu Paulista, Herman von Ihering, alegou que tais indícios seriam provas de um contato entre culturas andinas com as do Rio Grande do Sul (1895: 98). De qualquer maneira, é uma questão ainda sem maiores aprofundamentos, e conseqüentemente, sem solução.²³ Koseritz foi um caso típico de

(22) *Igaçabas* – (do Tupi *iga saba*, lugar onde a água cai). Pote de barro ou talha grande para a água, que serve para guardar outros gêneros. Urna funerária indígena. Conf. Grande Larousse, 1998: 3069.

(23) André Prous menciona a existência de instrumentos líticos retocados (pontas de projéteis com pedúnculos e aletas) em alguns sambaquis. Como a presença de quartzo é difícil no litoral, existe a possibilidade de um antigo intercâmbio entre as tribos do litoral e do interior do Brasil (1992: 221). A ocorrência de metais também pode indicar um antigo contato dos sambaqueiros com os Andes, mas as diferenças cronológicas tornam o assunto complexo.

erudito estrangeiro, residindo no sul do Brasil ao final do Império, que apostava no sucesso das colônias, nos ideais de superioridade européia, no triunfo do homem moderno, enfim, na evolução darwiniana.²⁴ Um ideal não muito distante das metas pretendidas pela elite carioca, mantendo inclusive alguns mitos em comum.

Entulho indígena, civilização e barbárie

“Devenir archéologue est, au niveau de l’imaginaire des vocations, en projet ou en regret, infiniment plus chargé que devenir ingénieur, életronicien ou médecin.” Jean-Paul Demouille, *La préhistoire et ses mythes*, 1982.

Alguns intelectuais que tratamos concebiam os sambaqueiros como uma cultura bárbara, eminentemente selvagem e canibal. Afinal, não poderia haver outra interpretação para povos que habitavam e viviam sobre lixo orgânico. Mesmo dentro destes parâmetros etnocêntricos, podemos perceber claramente uma relação direta entre *observação* e *interpretação* da cultura material, que sobrevive até hoje. Dados fósseis e vestígios materiais interpretados incorretamente ou parcialmente, muitas vezes ocasionando o surgimento de mitos arqueológicos.

Um exemplo muito conveniente foi com o mito das cidades lacustres na Europa. A partir de 1853-1854, na borda de lagos suíços, foram descobertos diversos fragmentos de madeira, cerâmica e utensílios, logo explicados como restos de antigas palafitas neolíticas montadas sobre lagoas. Dentro do vigente esquema evolucionista, não poderia ocorrer descoberta mais oportuna. As réplicas de palafitas expostas em museus, exposições e colégios oitocentistas, passaram a simbolizar a vitória humana sobre a barbárie, o triunfo da razão sobre as limitações da animalidade. Durante

(24) Relação de alguns intelectuais de origem germânica, com residência permanente, que investiram a pré-história sul brasileira durante o segundo Império: Herman Bruno Otto Blumenau, O. Tischler, A. Schnupp, H.J. Mueller, Theodoro Bischoff, R. Hensel, A. von Eye, G. Muller-Schiess, Pedro Kehl, Helm.

muito tempo habitando em escuras e tenebrosas cavernas, o moderno homem neolítico passou a construir casas expostas diretamente a céu aberto e sobre as águas – um triunfo também do Homem sobre a natureza física. Já em nosso século, o arqueólogo nazista Reinerth utilizou este mito para atrações turísticas no lago Constance (entre a Alemanha, Suíça e Áustria) repletas de referências racistas: “la métaphore de l’ascenseur appliquée à la théorie des stades.” (Demouille 1982: 751). Em 1948, o especialista O. Paret demonstrou que estas palafitas ou casas lacustres jamais existiram. Na realidade, foram restos de habitações construídas diretamente sobre o solo, encobertos pela subida do nível das águas nos tempos modernos.

Resguardadas as devidas proporções, este mito possui muita similaridade com nosso presente tema. Os sambaquis brasileiros, razoavelmente explorados durante o Império, serviram de apoio a idéias divergentes entre si, mas todas relacionadas com algum tipo de imagem acerca do indígena, gerando dois grupos principais de repercussão, o nacional e o internacional. O primeiro divide-se claramente em dois eixos interpretativos: os que entendiam os sambaquis como *monumentos*, e outro que identificou os sítios como *resquícios selvagens*. Wiener foi representante dos dois casos, pois acreditava que teriam existido montículos com restos canibais, e os que serviram para mausoléus. Esta última uma idéia seguida por Neto. Restos com algum indício de civilização, portanto, essa monumentalidade apontaria para outros povos interferindo na construção do lixo indígena. Aqui entram em cena as considerações de Barboza Rodrigues, apostando no contato viking, e as teorias de Karl Koseritz, perpetuando o mito fenício. Quem radicalizou uma interpretação oposta foi o médico Lacerda, para quem os sambaquieiros foram um povo inferior, imperfeito e canibal. Para a academia internacional, as idéias de selvageria foram preponderantes, publicando estereótipos genéricos sobre o indígena brasileiro, principalmente como antropófago. Sempre baseados nas pesquisas nacionais sobre o assunto.

Ambos os eixos interpretativos cometeram erros na análise dos dados de campo, servindo

de parâmetro para suas considerações sobre civilização ou barbárie. Assim, voltamos à nossa comparação com o mito das cidades lacustres, onde os vestígios também funcionaram como mediadores de esquemas sociais, principalmente a metáfora da escalada evolutiva, separando o ser animal do homem em vias de progresso racional: “Aqueles objetos reintegrados pelo arqueólogo passam a possuir novas funções e a exercer mediações no interior das relações sociais em que foram inseridos.” (Funari 1988: 24). Um objeto escavado e interpretado pelo cientista não tem, necessariamente, as funções originais a ele atribuídas. Ao procurar o *índice*²⁵ de um artefato, frequentemente o pesquisador submete-se às condições sociais de seu próprio tempo, afetando suas análises teóricas: “Là encore, on peut voir que l’objectivité de l’observation, là où l’archéologie déploie la technique la plus convaincante, c’est-à-dire sur le terrain de fouille, n’est pas le départ de toute interprétation” (Demouille 1982: 752).

Sendo sítios incomuns, os sambaquis receberam conotações que os desvincularam de seus primitivos usos por parte dos indígenas (exceção paras as pesquisas do conde de La Hure). Adquiriram funções específicas, servindo para recuperação de um passado idealizado pelos eruditos nacionalistas. Um dado que à primeira vista pode parecer insignificante – a datação dos montes conchíferos para os tempos modernos – revela que a maioria dos investigadores preocupou-se em desvincular esses sítios de uma pré-história remota, resguardando as raízes brasileiras para outros tipos de vestígios. E necessariamente, estabeleceram vínculos diretos com as recentes tribos oitocentistas. A relação entre contexto arqueológico (artefatos, estratigrafia, escavação) e sua reconstituição foi afetada

(25) *Índice* – O artefato em sua materialidade indica (“dá indício de”) determinadas relações sociais, tanto na sua produção como no seu consumo: uma ponta de flecha (esfera material) é índice de um domínio de técnicas de lascamento e de uma prática social de caça (contexto cultural). Ao mesmo tempo, os artefatos medeiam, direcionam as relações humanas, impulsionando os agentes sociais a tomarem determinadas atitudes entre si (Funari 1988: 80).

pelas relações sociais em que estava inserido o cientista: “A arqueologia nada mais é que uma leitura, um tipo particular de leitura, na medida em que seu texto não é composto de palavras mas de objetos concretos, em geral mutilados e deslocados do seu local de utilização original.” (Funari 1988: 22).

Identificado em muitos locais e em épocas diferentes, o bárbaro podia ser um negro africano, australiano, ou um ameríndio. Sua natureza bestial e inferior serviu para propósitos colonialistas e evangelizadores, durante o Renasci-

mento. Curiosamente, tanto esse estereótipo seria identificado nos sambaquis, quanto conotações típicas de grandes sociedades. Um caso único, onde a arqueologia brasileira identificou em meio a entulhos, os dois lados da balança do mundo ocidental: a civilização e a barbárie. Em ambos os casos, o imaginário estava ocultando a verdadeira identidade do aborígene, criando novos valores, mais condizentes com a proposta máxima deste momento – o avanço triunfal do europeu, máximo representante da escala evolutiva.

LANGER, J. The shellmounds and the Empire: excavations, theories and controversies, 1840-1889. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 11: 35-53, 2001.

ABSTRACT: The article analyses the first investigations about coastal sites, in the reign of D. Pedro II.

UNITERMS: Sambaquis – Myth and Archaeology – Barbarian and civilization.

Referências bibliográficas

ARCHAEOLOGY

1999 Neandertal news. <http://www.archaeology.org/online/news/neandernews.html>

BAHN, P.G. (Ed.)

1996 *The Cambridge illustrated history of archaeology*. Italy: Cambridge University Press.

BARROSO, J.L.

1864a *Carta ao Conde de La Hure, agradecendo a remessa de esqueleto e outros objetos encontrados entre as conchas existentes nas margens do rio S. Francisco do Sul (SC)*. Rio de Janeiro, 30 de setembro. IHGB, lata 15, doc. 9.

1864b *Carta ao presidente do IHGB, tratando do Conde de La Hure*. Rio de Janeiro, 30 de setembro. IHGB, lata 341, pasta 7.

1865 *Carta ao Visconde de Sapucaí, presidente do IHGB, tratando do Conde de La Hure*. Rio de Janeiro, 27 de janeiro. IHGB, lata 341, pasta 7.

BISCHOFF, T.

1928 Sobre os sambaquis no estado do Rio Grande do Sul, 1887. *Revista e Archivo*

Público do Rio Grande do Sul, n. 21, dezembro.

BITTENCOURT, J.N.

1997 *Território largo e profundo: os acervos dos museus do Rio de Janeiro como representação do estado imperial (1808-1889)*. Tese de doutorado - UFF, Niterói.

BLAKE, A.V.A.S.

1883 *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional.

CAPANEMA, G.S. de.

1865 Parecer sobre as investigações do Sr. Conde de la Hure nos sambaquis. *Revista do IHGB*, tomo XXVIII: 283-284.

1876 Os sambaquis. *Ensaio de Sciencia*, Rio de Janeiro, vol. I.

DEMOULLE, J.-P.

1982 La préhistoire et ses mythes. *Annales*, Paris, 37 anée, 5-6: 740-759, sep.

DURAND, M. L'Abbé

1874 Communication sur les sambagués du Brésil. *Bulletins de la Société D'Anthropologie de Paris*, tomo IX, segunda série: 222-224.

- EYE, A. von.
1887 Die brasilianischen sambaquis. *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, 19: 531-533.
- FIGUTI, L.
1999 Economia/Alimentação na pré-história do litoral de São Paulo. M.C.Tenório (Org.) *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- FILHO, J.S. da G.
1866 Parecer sobre o trabalho do sr. conde de La Hure. *Revista do IHGB*, XXIX.
- FUNARI, P.P.A.
1988 *Arqueologia*. São Paulo: Ática.
1994 Arqueologia brasileira: visão geral e reavaliação. *Revista de história da arte e arqueologia*, Campinas, 1: 24-41.
1995 Hermenêutica das ciências humanas: a história e a teoria e práxis arqueológicas. *Revista da Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica*, Curitiba, 10: 3-9.
1998 Teoria arqueológica na América do Sul. *Primeira Versão*, 75, Unicamp, setembro.
- GABAGLIA, G.R.
1865 Parecer sobre a memória do sr. conde de La Hure, que tem por título *Exploration du Rio Parahyba do Sul*. *Revista do IHGB*, XXVII.
- GASPAR, M.D.
1999 Os ocupantes pré-históricos do litoral brasileiro. M.C. Tenório (Org.) *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- GRANDE Enciclopédia Larousse Cultural
1998 São Paulo: Nova Cultural.
- IHERING, H. von
1895 A civilização prehistorica do Brazil meridional. *Revista do Museu Paulista*, 1: 34-159.
1904 Archeologia comparativa do Brazil. *Revista do Museu Paulista*, VI: 518-583.
- KOSERITZ, C. von.
1884a Sambaquis da Conceição do Arroio. *Revista do IHGB*, XLVII: 179-182.
1884 *Bosquejos ethnologicos*. Porto Alegre: Typographia de Gundlach & Comp.
1886 O machado de bronze de Xiririca. *A província de São Paulo*, Iguape, 18 de março.
1927 O homem fóssil da Lagoa Santa, 1882. *Revista do Museu e arquivo público do Rio Grande do Sul*, 19, setembro.
1980 *Imagens do Brasil*, 1883. Belo Horizonte: Itatiaia.
- LACERDA, J.
1878 Documents pour servir a l'histoire de l'homme fossile du Brésil. *Mémoires de la société Anthropologique*, Paris, 2: 517-541.
1882 A morphologia craneana do homem dos sambaquis. *Revista da Exposição Anthropológica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & Cia.
1885 O homem dos sambaquis. *Archivos do Museu Nacional*, VI.
- LACERDA, J.; PEIXOTO, R.
1876 Contribuições para o estudo anthropologico das raças indigenas do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, 1.
- LA HURE, Conde de [V. L. Baril/Chabaud].
1862 *L'Empire du Brésil, monographie complete de l'empire sud américain*. Paris: Ferdinand Sartorius.
1864 *Monsieur le Ministre*. Dona Francisca (SC), 16 de agosto. IHGB, lata 341, pasta 7.
1865a *A Monsieur Fernandes Pinheiro*, Rio de Janeiro, 28 janeiro. IHGB, lata 177, documento 109.
1865b *Considérations sommaires sur l'origine des amas de coquillages de la côte du Brésil*. Dona Francisca (SC), 10 de fevereiro. IHGB, lata 15, doc. 9.
1865c *A Monsieur le Présidens de L'Institut Historique*. Rio de Janeiro, 10 de março. IHGB, lata 15, pasta 9.
1865d *A Marino Marini, Archevêque de Palmyre e Rome*. Rio de Janeiro, 10 de março. IHGB, lata 15, pasta 9.
1865e *Inscriptions reproduits par un manuscrit de la biblioteque publique de Rio de Janeiro de 1754*. Rio de Janeiro, 14 de junho. IHGB, lata 92, pasta 7.
1865f *A Monsieur le Chanoine Fernandes Pinheiro*. Rio de Janeiro, 8 de novembro. IHGB, lata 341, pasta 7.
1865g *Ilmo exc. Visconde de Sapucahy*. Rio de Janeiro, 1 de dezembro. IHGB, lata 311, documento 9.
1866a Penedos de dioritos do valle do Parahyba do Sul, Rio de Janeiro. *Revista do IHGB*, XXIX: 422-429.
1866b *A Exc. Monsieur le Vicomte de Sapucahy*. Rio de Janeiro, 10 de outubro. IHGB, lata 341, pasta 7.
1876 *Anotações sobre geologia*, Rio de Janeiro, maio. Biblioteca Nacional, I - 47, 13, 11.
1877 *Carta a Antônio Justiniano Rodrigues tecendo comentários sobre o livro de sua autoria intitulado L'Empere du Bresil*, 25 de dezembro. Biblioteca Nacional, I - 46, 7, 21.
s.d. *Papéis pertencentes ao Conde de La Hure sobre assuntos diplomáticos*. Biblioteca Nacional, I - 48, 21, 9.
- LANGER, J.
1996a Mito, história e literatura: as cidades perdidas do Brasil. *História e Perspectivas (UFU)*, Uberlândia, 14: 67-83.
1996b A Esfinge atlante do Paraná: o imaginário de um mito arqueológico. *História, questões e debates (UFPR)*, Curitiba, ano 13, 25: 148-163.

- 1997a *As cidades imaginárias do Brasil*. Curitiba: Secretaria de Cultura do Paraná.
- 1997b Mitos arqueológicos e poder. *Clio – Série Arqueológica (UFPE)*, Recife, v. 1, n. 12: 109-125.
- 1997c O mito do Eldorado. *Revista de História (USP)*, São Paulo, 136: 25-40.
- 1998a Enigmas arqueológicos e civilizações perdidas no Brasil novecentista. *Anos 90 (UFRGS)*, Porto Alegre, 9: 165-185.
- 1998b Os livros raros da UFPR: um patrimônio histórico. *Questões e Debates (UFPR)*, 28: 153-169, julho.
- LANGER, J.; AFONSO, G.B.
- 1991 Arqueoastronomia brasileira. *O homem e o cosmos: visões de arqueoastronomia no Brasil*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e ciências afins. *História e Perspectivas (UFU)*, Uberlândia, 14: 67-83.
- LEÃO, E de.
- 1919 Antonina prehistorica. *Archivos do Museu Nacional*, XXII.
- LIMA, T.A.
- 1988 Patrimônio arqueológico, ideologia e poder. *Revista de Arqueologia*, 5 (1): 19-28.
- 1999 Em busca dos frutos do mar: os pescadores-coletores do litoral centro-sul do Brasil. *Revista USP*, 44, dez. fev. [2000]
- LOPES, M.M.
- 1996 Viajando pelo mundo dos museus: diferentes olhares no processo de institucionalização das ciências naturais nos museus brasileiros. *Imaginário*, São Paulo, 3: 59-79.
- 1997 *O Brasil descobre a pesquisa científica: os museus e as ciências naturais no século XIX*. São Paulo: Hucitec.
- MADRE DE DEUS, G. de
- 1953 *Memórias para a história da capitania de São Vicente hoje chamada de São Paulo, 1797*. São Paulo: Livraria Martins.
- NADAILLAC, Marquês de
- 1882 *L'Amérique préhistorique*. Paris: G. Masson.
- NETO, L.
- 1882 A origem dos sambaquis. In: *Revista da Exposição Antropológica Brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia de Pinheiro & Cia.
- 1885 Investigações sobre a archeologia brasileira. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, VI.
- PENNA, D.S.F.
- 1876 Breve notícia sobre os sambaquis do Pará. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, I.
- PROUS, A.
- 1992 *Arqueologia brasileira*. Brasília: Editora UNB.
- 1999 Arqueologia, pré-história e história. M.C. Tenório (Org.) *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- RAMINELLI, R.
- 1996 *Imagens da colonização: a representação do índio de Caminha a Vieira*. São Paulo: Jorge Zahar/Edusp/Fapesp.
- 1998 Montaigne e os canibais. *Revista de Ciências Humanas*, Curitiba, 7-8: 89-106.
- RATH, C.
- 1856 *Fragmentos geológicos e geográficos para a parte physica da estatística das províncias de São Paulo e Paraná*. São Paulo: Typographia Imparcial.
- 1871 Notícia ethnologica sobre um povo que já habitou a costa do Brasil, bem como o seu interior, antes do dilúvio universal. *Revista do IHGB*, XXXIV, primeira parte.
- RODRIGUES, J.B.
- 1876a Antiquidades do Amazonas I. *Ensaio de Sciencia*, vol. I.
- 1876b Antiquidades do Amazonas II. *Ensaio de Sciencia*, vol. II.
- 1880 Antiquidades do Amazonas III. *Ensaio de Sciencia*, vol. III.
- SOUZA, A.M. de
- 1991 História da arqueologia brasileira. *Pesquisas – Instituto Anchieta* no de Pesquisas, 46.
- 1997 *Dicionário de arqueologia*. Rio de Janeiro: Adesa.
- VARNHAGEN, F.A. de.
- 1840 Carta ao Instituto, São Paulo, 1840. *Revista do IHGB*, II, primeiro trimestre, (5): 524-525.
- 1849 Ethnographia indígena: linguas, emigrações e archeologia. *Revista do IHGB*, XII, segundo trimestre.
- 1871 *Historia geral do Brazil*, 1854. 2 ed. Rio de Janeiro: E. Laemmert.
- WALKER, A.
- 1997 Anasazi cannibalism? *Archaeology*, 50 (5), sept/oct.
- WESOLOSKY, V.
- 1999 Práticas funerárias pré-históricas do litoral de São Paulo. M.C. Tenório (Org.) *Pré-história da Terra Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- WIENER, C.
- 1876a Senhor diretor, Ladislau Neto. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, I: 3-4.
- 1876b Estudos sobre os sambaquis do sul do Brazil. *Archivos do Museu Nacional*, Rio de Janeiro, I: 5-20.